

Ânima
curadoria de Ana Roman e Paula Plee
exposição-encerramento
I Mergulhos da Piscina | 26, 28, 30 de novembro, 2019

Artistas
Anaís Karenin; Angela Od; Brisa Noronha; Camila Fontenele; Daniela Paoliello; Gabriella Garcia; Heloisa Hariadne; Fernanda Vallois; Vitória Cribb

Ânima

ana roman e paula plee

Ânima ou alma, termo que intitula a presente exposição, aparece como ponto-chave articulador das poéticas das artistas mulheres reunidas nesta mostra. O termo refere-se, na psicologia, a uma parte da psique que está em contato com o inconsciente e, na teoria junguiana, a *ânima* é o componente feminino presente na personalidade de todos os seres humanos. Nesses trabalhos de artistas contemporâneas, o que se vê é um mergulho profundo no feminino e, mais ainda, em uma relação com a natureza menos mediada por um processo de dominação da mesma. A leitura que fazemos dos trabalhos perpassa a ideia de alquimia e, ao que, de modo convencional, pode nos remeter à bruxaria.

A alquimia consiste em uma série de ensinamentos práticos e teóricos voltados à transformação e ao aperfeiçoamento da matéria e voltados a uma incessante busca pelo elixir da vida. Já a bruxaria, termo que assumiu historicamente traços pejorativos ao longo da história, designa as práticas realizadas por mulheres conhecedoras das ervas e da natureza, e que, principalmente, possuíam autonomia sobre seus corpos. Tais mulheres foram perseguidas e condenadas durante a Idade Média e, atualmente a partir dos estudos de Silvia Federici, sabemos que estas foram incriminadas porque, de certa forma, representavam a resistência e perigo ao capitalismo que se organizava. A alquimia e a bruxaria são formas de apreensão do mundo e de suas dinâmicas que foram, por muito tempo, subjugadas em nome de um conhecimento universal, científico e masculino.



DIGITE PARA INSERIR UMA LEGENDA.

Revisitar tais formas de conhecimento se torna fundamental no contexto contemporâneo. Dentre iniciativas que buscam conectar essas formas de conhecimento da alquimia com os estudos entendidos como científicos, destacam-se aquela de Carl Jung. O autor, entre os anos 1930 e 1940, deslocou os ensinamentos alquímicos para o campo da psicologia. Para ele, a sabedoria milenar dos alquimistas poderia ser um instrumento de compreensão e de comunicação para as manifestações do inconsciente coletivo na psique individual. Deste modo, todos os estágios psíquicos ligados ao processo de individuação poderiam ser vistos metaforicamente a partir dos estágios alquímicos. Ao abandonar suas

crenças místicas, a sociedade contemporânea não encontra meios de explicar o mal presente no mundo e em si mesma, relegando-o ao inconsciente. Através da alquimia, o indivíduo é chamado a olhar para si mesmo, e conseqüentemente a confrontar-se com sua sombra, reconhecendo os aspectos sombrios de sua ânima e de sua persona.

As fotografias de Daniela Paoliello e Camilla Fontenelle propõem uma espécie de relação com a natureza em que a segunda não está objetificada. As "fotos-pedra" de Daniela nos aproximam desses elementos, cuja temporalidade escapa ao instante de captura. Há, nas fotografias, uma posição clara da artista perante seu objeto, no entanto, a forma como os elementos são fotografados dá a eles certa autonomia. As rochas não são imutáveis e paradas e, muito menos, dependem de nós para existirem na Terra. Seu tempo, porém, é outro. A longa duração do tempo geológico em uma contraposição ao instante captado pela fotografia da artista coloca em evidência, para nós, a ideia de permanência. No trabalho de Camilla Fontenelle, o corpo feminino e o fenômeno natural colocam-se lado a lado, criando uma coexistência entre si. O mar é capturado pela fotografia e, seu movimento, ao ser capturado, transforma-o em concha. A concha que guarda a memória do silêncio que vivemos diante de tal imensidão. No autorretrato da artista, a concha é a memória da existência de si perante o mar.

Vitoria Cribb nos lembra de que maneira fenômenos naturais podem marcar o corpo feminino. A artista trabalha com modelos gráficos que existem em um mundo não concreto. No entanto, o corpo humano e a natureza nesse espaço virtual se referenciam nos espaços tangíveis da materialidade concreta. A operação de Cribb nos coloca diante de um universo que, ao olhos de alguns, pode guardar componentes distópicos mas cuja potência reside na possibilidade de criação de uma natureza outra. Embora sua produção tenha como ponto de partida o ambiente virtual através de ferramentas computacionais, em alguns de seus trabalhos, a artista busca, na gestualidade da tinta sobre o papel, uma tentativa de afirmar sua existência para além do digital. Através de um jogo de simetria e assimetria, pinta formas e padrões que podem remeter ao movimento contínuo das águas ou das auroras polares.



VISTA DA EXPOSIÇÃO

Nos trabalhos de Heloisa Hariadne e Brisa Noronha, a natureza é representada em seus fragmentos. Nas gravuras de Heloisa, um elemento célula é reproduzido pela artista, e seu movimento – ou crescimento – parece ser captado pela repetição. Tais representações podem por vezes evocar fragmentos de rocha, que juntas, formam um corpo-célula, que constitui um todo, um corpo feminino que é representado também em pintura pela artista.

Já nos trabalhos de Brisa, a repetição é um procedimento. Como na natureza, porém, nenhuma repetição é perfeita e cada repetição é única. Nos gestos da artista, seja ao modelar as peças, seja ao organizá-las, são produzidos corpos frágeis distintos que, em coletividade, ganham resistência e ocupam o espaço. Tal trabalho é uma interessante metáfora sobre a coletividade e sobre a organização entrópica presente nos elementos na natureza. Em outros trabalhos, a mesma argila presente no conjunto de esculturas é transportada à tela, que em sua materialidade remonta à paisagens terrosas, áridas e inabitadas que parecem carregar consigo uma atmosfera que, como sugere o título da série, pode remeter à nossa realidade atual.

As formas orgânicas esculpidas por Gabriela Garcia colocam em uma tensão as relações entre o artificial e o natural. Em uma pretensa organicidade, modificam o espaço de seu entorno com sua presença sólida, que guarda, porém, uma ambiguidade entre as formas: seu aparente peso e sua leveza factual. No oco da rocha que habita o espaço de exposição, há a explicitação de uma certa simbiose entre o universo da artificialidade e as forças naturais.

Na mesma direção, Anais Karenin, constrói uma instalação ambiental com elementos naturais e materiais do universo da construção civil. Manipulados pela artista, os materiais ganham formas orgânicas que questionam a dualidade natural x artificial trazendo em si mesmos, uma dinâmica própria de equilíbrio e de instabilidade diante dos olhos do espectador. A tensão presente nessa dualidade se explicita tanto na malha metálica, que carrega um aglomerado de pedras – material fragmentário essencial para na construção civil para constituição de força e resistência –, como nos blocos de cimento branco, que sobrepostos, evidenciam o contraste entre a geometria artificial de alguns à reminiscências orgânicas de outros.

Nos trabalhos de Fernanda Vallois e de Angela Od há uma dimensão do ritual e de uma narrativa não necessariamente linear para os fatos. As fotos de Vallois trazem corpos femininos em um contato direto consigo próprios em atmosferas que remetem muitas vezes a um estado de um transe particular e íntimo. A artista parece fazer um movimento de captar a ânima de suas fotografadas no instante ritualístico do clique fotográfico. Já para Od, há uma narrativa ficcional fantástica e épica. O tempo despendido para feitura do bordado em tecido estende-se sobre a superfície pictórica formada e habitada por personagens que encontram-se em situações de encruzilhada e de desafio. Nos trabalhos presentes na mostra, personagens femininas travam um duelo com animais ditos selvagens. Esta situação de embate remete, por sua vez, ao confronto que o indivíduo tem com sua sombra e através de um estágio de introspecção é convidado a reconhecer e superar aspectos sombrios de sua ânima.

Por fim, em uma reflexão sobre as relações entre espaço e tempo, sobre a construção de narrativas, tem-se a performance duracional da artista Alice Yura. De costas para o público, o corpo de Alice, em um vestido rosa pálido, semelhante àquele usado por princesas, se coloca no espaço expositivo por um longo período de tempo. A vulnerabilidade do corpo da artista e de sua feminilidade é, na verdade, onde reside a força do trabalho. Não há, nesse caso, um encontro com uma dada natureza socialmente construída sobre o papel de homens e mulheres na sociedade, mas uma negociação, e em uma constante re-existência.

Os trabalhos reunidos na mostra, na verdade, falam sobre isso: sobre como existir no mundo e, de que maneira, a multiplicidade permeia tal existência. Não se trata, de um domínio, e de uma subjugação da

natureza, do tempo e do espaço ao conhecimento. Mas, em buscar a finitude certa, diante de um cenário de incertezas. Nosso movimento, como curadoras, nessa exposição, não busca a idealização dessas outras formas de se relacionar com o mundo. Trata-se, porém, evidenciá-las e vê-las como um complexo ponto de partida – e de chegada – dentro do pensamento e da produção artística de mulheres, que coloca-se como meio de resistência e crítica à dinâmica contemporânea. Tais práticas transcendem a percepção de si mesmo e assimilam a existência do feminino no mundo.